

InFormAÇÃO

www.jnd.ifsp.edu.br

Av. Dr. Cavalcanti, N°396, Complexo Argos, Vila Arens – Jundiá - SP – 13201-003 Tel: (11) 2448-8500

Esta edição temática está relacionada ao Dia da Consciência Negra.

Origem do 20 de Novembro

Por Maria Eduarda Andrade

A data 20 de novembro foi escolhida para homenagear o maior líder do Quilombo dos Palmares, Zumbi dos Palmares. Zumbi foi assassinado no dia 20 de novembro de 1695. Esse dia se tornou o Dia Nacional da Consciência Negra e existe como uma comemoração escolar desde 2003, mas somente em 2011 tornou-se lei.

Em 1655, Zumbi dos Palmares nasceu livre no estado de Alagoas. Ainda criança, aos sete anos de idade, Zumbi foi capturado e entregue a um padre que o batizou com o nome de Francisco. Durante a época em que viveu com o padre, ele aprendeu a falar português e a participar de celebrações da igreja católica. Aos 15 anos, ele voltou a viver no Quilombo dos Palmares, que nessa época era governado pelo seu tio, Ganga Zumba.

O Quilombo dos Palmares era localizado na região da Serra da Barriga, hoje território alagoano. Muitos historiadores consideram o Quilombo dos Palmares como o maior de toda a América Latina, pois chegou a ter uma população aproximada de 20 mil pessoas, entre habitantes negros, negras, indígenas e pessoas consideradas “fora da lei”, que fugiam da escravidão, à procura de abrigo e melhores condições de vida. No Quilombo, tanto a terra quanto a produção eram coletivas, e, dentre todas as atividades realizadas no local, a principal era a agricultura.

A grandeza e o progresso do quilombo aterrorizaram os escravocratas, que ao longo dos anos presenciaram diversas fugas das senzalas para Palmares.

Por conseguinte, na segunda metade do século XVII, iniciaram expedições com o objetivo de atacar e destruir o local, mas nenhuma obteve sucesso. Para amenizar os ataques, Ganga Zumba foi a Recife tentar negociar com o então governador D. Pedro de Almeida. O acordo firmava que os nascidos em Palmares deveriam ser considerados livres, e que todos que aceitassem o acordo seriam retirados da Serra da Barriga e receberiam terras para morar e, ainda, que se tornaria proibido dar abrigo a novos escravos fugitivos, pois quem garantisse sua liberdade seria considerado propriedade da coroa. O acordo gerou confusão entre os foragidos, pois eles teriam que abrir mão de sua liberdade. Logo depois que o acordo foi alcançado, Ganga Zumba foi envenenado e morreu. Após a morte do tio, Zumbi assumiu o governo de Palmares.

Em 1694, uma expedição liderada por bandeirantes capturou muitos quilombolas em Palmares. No combate, Zumbi foi ferido, mas conseguiu fugir.

Em 20 de novembro de 1695, um amigo de Zumbi que foi capturado delatou Zumbi e entregou a localização do seu esconderijo. Nesse mesmo dia, Zumbi dos Palmares teve sua cabeça decepada e exposta em praça pública.

A data foi oficializada pela lei nº 12.519/2011 e é lembrada e celebrada por representar o histórico de luta e resistência do povo negro contra a escravidão e contra o racismo. Atualmente, 20 de novembro é feriado municipal em mais de mil cidades em todo Brasil e estadual em alguns estados brasileiros. No mês de agosto, um projeto de lei do senador Randolfe Rodrigues (REDE-AP) que estipulava que o dia 20 de novembro seja o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra foi aprovado na câmara e no senado. No entanto, ainda falta a sanção do presidente Jair Bolsonaro.

Embora essa data seja muito importante para recordar a história de resistência que ocorre há tanto tempo no Brasil, não é suficiente para que o racismo institucionalizado seja combatido. Ainda é preciso que muitas outras datas e ações sociais existam para de fato combater a raiz do problema. Ainda é necessário que outros personagens históricos negros estejam presentes e sejam recordados na nossa história, no nosso dia a dia e na nossa cultura.



Ilustração: Murilo Cruz

Influências dos povos africanos na cultura brasileira

Por Nicolay de Jesus

Cafuné, moleque, quitanda, zumbi, balé... Reconhece essas palavras? Pois é, possuem origem africana! Porém, essa influência vai muito além do vocabulário, pois está presente em todos os aspectos da cultura brasileira.

Primeiramente, é possível notá-la através da culinária. Inicialmente, com a escravidão, a responsabilidade da cozinha dos engenhos ficava para as mulheres negras, o que permitiu a difusão da influência afro na comida brasileira. Isso não ocorreu só em receitas, mas também na inserção de ingredientes e temperos. Como exemplos, há a pamonha, a paçoca, o quiabo, o chuchu, o leite de coco e as pimentas.

Também há a música. A cultura afro contribuiu com diversos ritmos, sendo os que mais ocupam espaço na música popular do Brasil, como o samba, que possui rituais religiosos africanos como origem.

Ademais, essa mesma cultura possibilitou a popularização de instrumentos que agora estão presentes no nosso país, como o atabaque, marimba e o tambor.

Além disso, existem as religiões afro-brasileiras. No passado, com as inúmeras proibições dos colonizadores portugueses e com a obrigação dada aos africanos de aderirem ao catolicismo, o povo afro começou a “misturar” suas religiões com a cristã, com o intuito de enganar os senhores de engenho e continuarem com as suas práticas religiosas. Desta forma, foi possível importar religiões praticadas nesta época para o país.

E como falado no início, existem fortes traços presentes no vocabulário. Na língua portuguesa existem diversos termos e expressões africanas, como no estado da Bahia, que possui cerca de 5 mil palavras com essa origem, tornando a África uma das responsáveis pelo nosso português atual. Por fim, um ponto interessante é que a maioria dessas palavras foi originada dos bantus (pertencentes a Angola, Congo e Moçambique).

Incrível, não é? E que tal um bônus? Nos links abaixo você verá mais palavras de origem africana e seus significados. Qual te deixou mais impressionado(a)?

[Norma culta: palavras de origem africana](#)

[Geledes: palavras de origem africana usadas em nosso vocabulário](#)



Marighella: o guerrilheiro que conquistou os cinemas no Brasil

Por Karen Rezende

“Memórias de um tempo onde lutar
Por seu direito é um defeito, que mata”

Pequena memória para um tempo sem memória - Gonzaguinha

Após dois anos de adiamentos, Marighella finalmente chegou aos cinemas brasileiros. O filme que narra um recorte da história do ex-deputado, guerrilheiro e militante comunista Carlos Marighella (1911-1969) estreou no Festival de Berlim em 2019, mas só foi lançado oficialmente no Brasil no dia 4 de novembro se tornando, em menos de uma semana, o filme nacional de maior bilheteria durante o período pandêmico, segundo a Comscore.

O longa que marca a estreia de Wagner Moura como diretor é um filme biográfico baseado no livro “Marighella: O guerrilheiro que incendiou o mundo”, de Mário Magalhães e mostra a luta incansável do ex-deputado (interpretado por Seu Jorge) contra a ditadura militar, organizando um grupo com jovens guerrilheiros que tentam mobilizar a população para a luta e mostrar que existem pessoas resistindo a censura, repressão e a tortura que aconteciam durante a ditadura.

No filme, Marighella e seus companheiros são perseguidos pelo delegado Lúcio (Bruno Gagliasso), que conta com o apoio de representantes dos Estados Unidos para impedir que os atos revolucionários viessem a público, além de tentar parar o grupo a todo o custo.

Além de ser um filme com uma grande importância histórica – não apenas por narrar acontecimentos do passado, mas também por estar sendo lançado em um momento tão conturbado no cenário político brasileiro –, Marighella é também um filme sobre lutar incansavelmente por aquilo em que se acredita, um filme sobre companheirismo e acima de tudo mostra os momentos finais da vida de um homem que amou demais o Brasil e morreu defendendo seu país.

Marighella não é um filme perfeito, mas se destaca pela mensagem muito bem delimitada, uma história emocionante, e claro, atuações e direção impecáveis. O longa está em exibição em várias salas de cinema por todo o Brasil.



Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas

Por Maria Eduarda Raia e Maria Eduarda Andrade

O Jornal InFormAÇÃO entrevistou Patrícia Silva Nunes, membra do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). Patrícia é formada em Ciências Biológicas e doutora em Ciência para a Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (Unesp).

O NEABI é um núcleo composto por servidores e servidoras do IFSP e exerce um papel importante na instituição. Assim, a entrevista pretende mostrar um pouco do trabalho desempenhado pelo Núcleo.



O que é o NEABI? Qual foi a ideia inicial do núcleo quando foi criado?

O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) tem por objetivo a promoção de estudos e ações sobre a temática das relações étnico-raciais na instituição. O NEABI é fundamentado nas leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas. Assim, conclui-se que NEABI foi criado para que as questões étnico-raciais, como o racismo e a xenofobia, não fiquem à margem e sejam tratadas com a devida seriedade nas ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no âmbito do IFSP.

Como e quando foi criado?

Regulado pela Portaria nº 2.587, de 28 de julho de 2015, o NEABI foi lançado oficialmente em 20 de agosto de 2015, em cerimônia no auditório Prestes Maia da Câmara Municipal de São Paulo. A organização do Núcleo teve início na Pró-Reitoria de Extensão (PRX). A PRX organizou e acompanhou o processo de construção, fruto de discussões fomentadas por ocasião das ações de promoção da diversidade realizadas no âmbito desta Pró-Reitoria. Tais ações se concretizam por meio da realização de seminários de diversidade, projetos de extensão e semanas temáticas nos câmpus, focalizando a construção de conhecimento sobre a diversidade étnico-racial. O principal passo para a efetiva organização do Núcleo foi a formação de uma comissão para a sua implementação, presidida pela representante da Coordenadoria de Ações Culturais da PRX e com representantes das demais Pró-Reitorias. Esta comissão elaborou o regulamento do Núcleo e a chamada pública para seleção de membros, durante nove meses. Depois de todo esse processo, o NEABI passou a integrar e responder ao Gabinete do Reitor.

De que maneira as questões acerca da cultura afro-brasileira e indígena são abordadas no projeto?

O NEABI, com a participação da comunidade escolar, busca novas propostas e caminhos de inserção efetiva do indígena e do afro-brasileiro em todas as esferas da sociedade, das quais foram e ainda são excluídos, em função de valores culturais e práticas institucionais discriminatórias e sectaristas.

Para exemplificar algumas das ações desenvolvidas pelo NEABI, podemos citar:

- Elaboração de Dossiês com as atividades desenvolvidas nos câmpus que abordem a temática étnico-racial;
- Elaboração de edições do NEABI Indica, documentos que compartilham sugestões de práticas e de leituras concernentes à temática étnico-racial;
- Elaboração de editais para a submissão por servidores de projetos de pesquisa, ensino e extensão que abarque a temática étnico-racial;
- Oferecimento de atividades de formação continuada aos servidores, como o espaço AFROIF, atualmente em curso;
- Levantamento de acervo das bibliotecas de todos os câmpus a fim de verificar os livros que abordam a temática africana, afro-brasileira e indígena, e encaminhamentos para suprir possíveis falta de recursos bibliográficos;
- Acompanhamento de concursos públicos do IFSP para a efetiva aplicação da Lei nº 12.990/2014, que versa sobre a reserva de vagas para negros;
- Acompanhamento das ações da Pró-Reitoria de Ensino, para orientação da efetiva aplicação da Lei nº 12.711/2012 que contempla as reservas de vagas para alunos negros e indígenas;
- Acompanhamento das comissões que organizam as semanas temáticas dos câmpus do IFSP;
- Participação na elaboração dos currículos de referência;
- Concursos literários;
- Divulgação da temática nas redes sociais.

Qual a importância de abrir um espaço para discutir a cultura afro-brasileira e indígena nos dias de hoje?

É muito importante. Apesar dos avanços presenciados nos últimos anos com a promulgação de leis e diretrizes que vão ao encontro de uma sociedade mais igualitária, ainda há muito a se fazer. O NEABI traz o compromisso de reconhecer que o racismo e a discriminação ainda são práticas recorrentes, e acontecem muitas vezes de modo velado, dissimulado por um discurso pseudo-inclusivo. Portanto é necessário que as questões sejam discutidas, refletidas em todos os âmbitos do IFSP a fim de promovermos educação para as relações étnico-raciais que visam igualdade de direitos e condições de acesso e permanência por meio da valorização da diversidade e respeito mútuo.

Clube de leitura virtual: leitura e análise da obra de Machado de Assis

Por **Beatriz Benevenuto**

O Clube de Leitura Virtual é um projeto de ensino que tem como objetivo primordial estimular e aprimorar as habilidades leitoras e interpretativas dos participantes, que desenvolvem as habilidades de escuta, argumentação e respeito às opiniões dos demais. Desde o mês de junho do ano de 2021, os participantes do clube têm lido e analisado em conjunto uma obra muito renomada e requisitada nos vestibulares do país, como por exemplo na Fuvest, para 2022.

Esse livro é nomeado como Quincas Borba, escrito por Machado de Assis, um dos raros homens negros a ser reconhecido e consagrado como grande autor e intelectual no século XIX no Brasil. A obra é classificada como um romance realista, publicada no ano de 1891, que conta a história de Rubião, um professor de Barbacena que se torna o herdeiro universal de todos os bens de seu amigo Quincas Borba, mas, com a condição de cuidar do cachorro do falecido, que também é nomeado de Quincas Borba, sendo uma maneira de eternizar o antigo dono. Após o testamento, o recém rico se muda para o Rio de Janeiro, onde estabelece sua nova vida e passa a ser explorado e usado pelos novos “amigos”, como o casal Palha e Sofia. A partir disso, são relatados diversos momentos cômicos e irônicos, mas também reflexivos, metafóricos e críticos em relação às problemáticas enfrentadas pela sociedade burguesa do século XIX do Rio de Janeiro. Os encontros semanais do Clube de Leitura, em que são analisadas e discutidas diversas obras literárias em conjunto, estão sendo organizados a partir das leituras do livro Quincas Borba e têm se mostrado um ambiente muito acolhedor para as diversas interpretações e experiências, além de ser um veículo utilizado para a conexão dos participantes entre si e com a comunidade escolar.

Ilustração: Murilo Cruz



Recomendações de autores e obras de pessoas negras

Por **Guilherme Castro**

A cultura afrodescendente é muito rica e diversificada, contando com grandes nomes e histórias em diferentes áreas. Conhecer mais a fundo as influências e as culturas nos ajuda a não reproduzir ações e discursos preconceituosos.

Separamos alguns autores negros e livros escritos por pessoas negras para curtirmos e também aprofundarmos nossos conhecimentos!

AUTORES

- Domingos Caldas Barbosa;
- Manuel Inácio da Silva Alvarenga;
- Antônio Gonçalves Dias;
- Cruz e Sousa;
- Maria Firmina dos Reis;
- Joaquim Maria Machado de Assis;
- Lima Barreto;
- José do Patrocínio;
- Ruth Guimarães;
- Conceição Evaristo;
- Carolina Maria de Jesus;
- Djamilia Ribeiro.

LIVROS

- Dom Casmurro;
- Os Viajantes;
- Um Belo Diploma;
- Quando Me Descobri Negra;
- Úrsula;
- Olhos D'água;
- Trovas Burlescas;
- A Autobiografia da Minha Mãe;
- Triste Fim de Policarpo Quaresma;
- Garota, Mulher, Outras;
- Notas de Um Filho Nativo;
- Quarto de Despejo;
- Pequeno Manual Antirracista.

EXPEDIENTE

Editoração/Revisão: Adriana Fernandes, Gabriela Aliás e Ana Helena Fiamengui. **Diagramação:** Maria Eduarda Raia.
Acessibilidade: Juliano Dantas de Mello, Nicolay de Jesus, José Ricardo.

Jornal desenvolvido por alunos do curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Avançado Jundiá.